

Um dos maiores hospitais do EUA indenizará vítimas de abuso sexual

Médico do Johns Hopkins fez imagens íntimas de pacientes; denunciado, ele se suicidou

-BALTIMORE (EUA) E RIO - Um dos centros médicos mais conceituados do planeta, o hospital Johns Hopkins terá que pagar US\$ 190 milhões a pacientes secretamente filmadas por um ginecologista. Em fevereiro deste ano, uma colega de trabalho descobriu que o médico Nikita Levy, de 54 anos, usava uma câmera disfarçada de caneta no pesco-

ço para fazer as filmagens.

Uma investigação revelou mais de 1.200 vídeos e 140 imagens no computador de sua casa. Diante da denúncia, o médico, que trabalhava havia 25 anos na instituição, foi despedido e se suicidou. Em função da morte, nenhuma acusação criminal veio à tona, mas agora o acordo preliminar de US\$ 190 milhões foi fixado e já é uma das maiores indenizações nos EUA para casos do gênero.

Segundo advogados, as ações de Levy tiveram impacto em mi-

lhares de mulheres, para além das que apareceram nas imagens. Ele foi acusado de violar protocolos ao determinar que acompanhantes das pacientes ficassem fora da sala de exames.

Para a ginecologista Nilcea Neder Cardoso, da Comissão de Defesa Profissional da Associação de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro (SGORJ), a forma como o caso vem sendo conduzido é um exemplo a ser seguido:

— As instituições têm que arcar com os nomes de seus pro-

fissionais. Em todo hospital há um corpo clínico que acompanha os trabalhos. Esses profissionais devem ter controle sobre o atendimento. Não podem somente esperar que relatos cheguem até eles.

No Brasil, um dos casos mais emblemáticos de abuso por médicos é o do especialista em reprodução assistida Roger Abdelmassih, condenado a 278 anos de prisão por estupro ou tentar estupro por menos 39 pacientes. Ele chegou a ser preso em 2009, mas

atualmente está foragido.

Outro caso, mais recente, envolveu um médico do programa Mais Médicos, afastado do trabalho, em Luziânia (GO) depois que gestantes o denunciaram por abuso sexual durante exames pré-natais. O caso veio à tona em maio passado.

Para a professora da UFRJ Ludmila Fontenele, pesquisadora de violência sexual contra a mulher, o número de abusos como esses “é maior do que se imagina”. Isso porque a ques-

tão ainda esbarra na vergonha das vítimas na hora de denunciar. Além disso, não são poucas as instituições que se esforçam para encobrir os fatos.

— Nenhuma instituição está livre desse crime. Práticas de violência sexual ocorrem em diferentes contextos e afetam todas as classes sociais e origens —, alerta. — Tão importante quanto punir é impedir que isso aconteça, através de controles mais severos e da responsabilização das instituições médicas. (Eduardo Vanini) •